

## Discurso do Presidente do Comité Olímpico de Portugal

Para todos aqueles que acompanharam anteriores Celebrações Olímpicas recordam-se que foi pouco o tempo que ocupamos a valorizar o que fizemos.

Falámos mais do que precisamos de fazer.

A nossa intervenção neste espaço procurou escolher temas de uma perspetiva cultural do desporto, uma visão progressista do seu potencial e importância social, e do papel das políticas públicas nesses desígnios.

Nos dias de hoje estas práticas de não nos autoelogiarmos por aquilo que fizemos seriam reprovadas perante qualquer estratégia de comunicação, que amiúde o é pura publicidade, que alimenta a “sociedade do espetáculo” em que vivemos, desprovida de valores, e onde os fins parecem justificar todos os meios.

Deixamos a avaliação do que fazemos a quem o nosso trabalho se dirige sem necessidade de lhe acrescentar algo mais e aproveitamos este tempo para falar do desporto e dos desafios que Portugal enfrenta.

Esta cerimónia reúne a família olímpica portuguesa na celebração do mérito e da excelência daqueles que mais se distinguiram durante um ano particularmente conturbado, cujas circunstâncias terão inevitável impacto na preparação e organização dos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

Num ano exigente começamos por reconhecer aqueles que efetivamente se distinguiram, tornando-se campeões do mundo no escalão absoluto da sua modalidade olímpica, e assim alcançando o pináculo nas suas disciplinas, acalentando fundadas esperanças que o possam repetir em Paris.

Campeões do Mundo, em modalidades olímpicas. O topo a que um atleta ou equipa podem aspirar e, nessa medida, num patamar de distinto dos demais no respeito e reconhecimento que lhes devemos, particularmente num País com apenas cinco campeões olímpicos.

Mas distinguem-se também personalidades cujos serviços prestados ao desporto o projetaram de uma condição periférica, e ao longo de uma vida e profícua carreira souberam dar testemunho da sua inestimável importância social.

Caros convidados,

Volvidos doze anos, os Jogos Olímpicos regressam à Europa, e a uma das cidades mais emblemáticas na história contemporânea de Portugal.

De lá regressaram aqueles que resgataram o País da ditadura e fundaram o regime democrático.

Para lá partiram gerações de portugueses na esperança de um futuro melhor, e por lá continuam naquela cidade onde reside a maior comunidade portuguesa no estrangeiro.

Temos entre nós o Presidente dos Comitês Olímpicos Europeus, Spyros Caprallos, o líder eleito pelos Comitês Olímpicos Nacionais europeus, cuja Comissão Executiva que preside é integrada por um português, para lhe manifestar o nosso compromisso intransigente em reforçar a presença e a importância de Portugal na esfera desportiva internacional, contribuindo para fortalecer o papel do nosso continente nas mais relevantes dimensões de desenvolvimento desportivo.

Temos um compromisso com as metas e objetivos desportivos traçados com o Governo no âmbito do Programa de Preparação Olímpica, e assim junto dos portugueses. Sustentando o sucesso alcançado em Tóquio.

Mas também temos, no plano institucional, um compromisso com a numerosa comunidade portuguesa em Paris que, na Casa de Portugal, encontrará na Cidade Luz um espaço de comunhão da cultura lusófona, de conhecimento do mercado empresarial de origem portuguesa em França, vibrando com o desempenho dos nossos atletas.

Por fim - não menos importante e não menos exigente – a reunião de toda a família olímpica mundial acontecerá no final de 2024 em Cascais, na Assembleia-Geral da Associação de Comitês Olímpicos Nacionais, onde os mais de mil delegados terão na agenda a análise e o rescaldo dos Jogos Olímpicos e a distinção dos melhores atletas e equipas em Paris.

Sabemos a responsabilidade de, neste ciclo olímpico mais curto, dar continuidade ao sucesso dos Jogos Olímpicos de Tóquio, alcançando resultados de topo em competições de referência que permitam concretizar este propósito.

Sabemos que, pese embora os resultados alcançados em diversos projetos e ações sob a gestão do COP ao longo dos anos, reconhecidos no prestígio e reputação granjeados pela organização, e aqueles que a servem e representam, em diversas instâncias, nomeadamente no seio do Movimento Olímpico, será pelos resultados dos Jogos Olímpicos que a governação do COP será avaliada.

Conhecemos, há muito, as regras do jogo.

Sabemos que os resultados meritórios alcançados em Tóquio, e o aumento de recursos ao dispor do Programa de Preparação Olímpica, não alteram súbita e significativamente as fragilidades da situação desportiva nacional, como atestam os mais diversos estudos e indicadores estatísticos que expressam o fracasso de décadas de políticas para o desporto em Portugal e a condição irrelevante de um sector com uma das mais baixas dotações no Orçamento de Estado ou do PIB per capita no contexto europeu. Terminei como comecei.

Vivemos tempos conturbados. Marcados pela escalada de conflitos armados. Pelo risco, a volatilidade e a incerteza, agravados pelo atual panorama político do País, que não auguram horizontes de esperança para o desporto nacional emergir da condição frágil e subalterna em que subsiste.

Os tempos em que a preparação dos atletas, a governação das federações desportivas e a organização dos Jogos Olímpicos têm sido marcados pelas inúmeras repercussões destes conflitos e nos quais se colocam desafios à salvaguarda dos princípios de autonomia, neutralidade, integridade e respeito pelos direitos humanos consagrados na Carta Olímpica.

Enfrentar a exigência destes desafios, mais do que superação e excelência, exige sentido de responsabilidade, rigor e compromisso para, no respeito pela diferença, esbater o que nos separa e consolidar o que nos une, deixando de lado agendas pessoais, interesses particulares ou a ânsia de protagonismo mediático estéril e inconsequente.

Sem isso não será possível reforçar os padrões de exigência que nos conferem a legitimidade acrescida para superar esta conjuntura particular ou os condicionalismos de longa data, muitos deles que nos ultrapassam, mas comprometem as ambições a que aspiramos num futuro melhor.

Do atleta ao dirigente desportivo. Do clube de base ao Comité Olímpico de Portugal.

Reunimos aqui vários exemplos, alguns deles que iremos homenagear, que testemunham a capacidade dos portugueses para assumir desígnios tão ou mais exigentes.

Saibamos, pois, inspirados no seu exemplo, ter o engenho de abraçar com determinação, rigor e trabalho os propósitos que assumimos rumo ao sucesso dos objetivos com os quais nos comprometemos.

Para isso contamos com todos, e todos podem contar com o Comité Olímpico de Portugal.

Lisboa, 16 de novembro de 2023

**José Manuel Constantino**  
Presidente do Comité Olímpico de Portugal